



FOLHETIM DA VIDA FLUMINENSE  
AS PROEZAS DO SR. DE LA GUERCHE

por Amedée Achard.

Primeira parte

(Continuação.)

CAPÍTULO IX

A CRUZ DE MALTA

A presença do Reinaldo e Carquefou, sempre tão folgadou, alegrou um pouco Adriana. Demais orá-  
cles um valioso reforço para Armando, que talvez não  
podesse sóssoin arrostar os perigos da longa viagem  
que começava a empreender.

Abandonando a estalagem do *Palácio de Ouro*, e atra-  
vessando a França sem acidente. Chegando a Flandres  
dirigirão-se para uma taverna, onde se achava hospeda-  
do um fidalgio espanhol, com o qual começaria a con-  
versar.

Este novo personagem era um cavaleiro com voz  
adocicada, sempre de chapéu na mão e com um beatissi-  
mido sorriso nos lábios. Da sua cinta pendia um rosário de  
contas de ouro e ébano.

« Chamo-me D. Gaspar d'Albascote e Buitrago, disse  
o fidalgio espanhol. Conheço esta hospedaria e posso  
assegurar-lhes que seu dono é um honrado cristão  
que não esfola muito os viajantes que a Divina Proví-  
dência lhe envia. Aqui estareis quasi como em minha  
casa. »

A moça foi posta sob um caramachão no jardim. Ar-  
mando convidou D. Gaspar a tonar parte na refeição.

« Pesto que costume viver com muita simplicidade,  
deixarei hoje meus hábitos, para não perder o ensaço  
de estar com tão boa companhia, disse o espanhol sen-  
tindo-se a persignando-se.

— E' um pão da igreja, disfarçado em gentil ho-  
mem, pensou Reinaldo.

— Oh lá, Peters, vem cá! disse em alta voz D. Gas-  
par.

Um criado pequeno e magro, pálido e disforme, acu-  
diu tremulo ao chamado.

« Vés estes jovens fidalgos, mariola? São meus ami-  
gos; se não os servires com zelo e urbanidade, corta-  
los-te-lhe as orelhas e obrigar-lhe-lhe a come-las grelha-  
das. Agora, sume-te, perela! » disse D. Gaspar, arre-  
messando um prato sobre Peters, como que para apoiar  
sua recomendação; depois voltando-se e tornando  
assento no lado de Adriana, continuou:

« Se não inspirares em si um salutar terror a esses mal-  
feitos, que seria de nós? »

Durante a refeição, o cavaleiro fez prova da amabi-  
lidade com todos; mostrou-se galanteador com Adri-  
ana, espirituoso com Reinaldo e fidalgio do fino trato  
com Armando. Contou mil historias, que não abonavão  
muito sua modestia; e, se bem que a pregoasse conti-  
nuamente ser o mais humilde entre os servos de Deus,  
bemh como uma esponja, e falou repetidas vezes de  
sua joias, roupas e tecidos finíssimos. Assegurou que  
possuía cofres cheios de pedras preciosas, das quais só  
usava para poder ter ocasião de oferecer-las ás pessoas  
que apreciavão semelhantes futilidades, e tirando um  
dos muitos aneis que trazia nos dedos ofereceu-o a  
Adriana.

— Agradeceida! disse ella afastando a joia.  
— Guarda suas pedrarias! acrescentou Armando  
secamente.

— Com a breca! Isto não é entretanto senão um ru-  
biim de pequeno valor! e, por minha alma, creio que  
ele assentaria melhor na nivea mão desta senhora, do  
que na grossa mão do D. Gaspar d'Albascote e Bu-  
trago!

— Que tal o padraco! disse Reinaldo a meia voz a  
Carquefou.

— Tuo os dedos cobertos de vagalumes! retorcou  
este.

Armando e Adriana, um tanto surprezados, trocaram  
um olhar. Pouco depois levantáro-se da mesa.

O jovem de La Guerche, ao entrar no seu quarto, es-  
tava mesmo tranquillo do que quando chegou á estalagem  
da *Cruz de Malta*; começava a duvidar da santidade  
do cavaleiro, que trazia sobre si tão bonitos rubins e  
que as oferecia tão facilmente. A noite passou-se sem  
novidade. Os dois amigos tinham resolvido partir na  
tarde seguinte; porém, pela volta do meio-dia, D. Gas-  
par insiou muito para que não seguissem viagem antes  
da noite. Armando e Reinaldo consultáro-los com os  
olhos; não sabiam que pretexto havido do dar para não  
necessitarem um convívio feito com tanta amabilidade e  
estimacia. Carquefou dizia com os olhos: não percamos a  
caia!

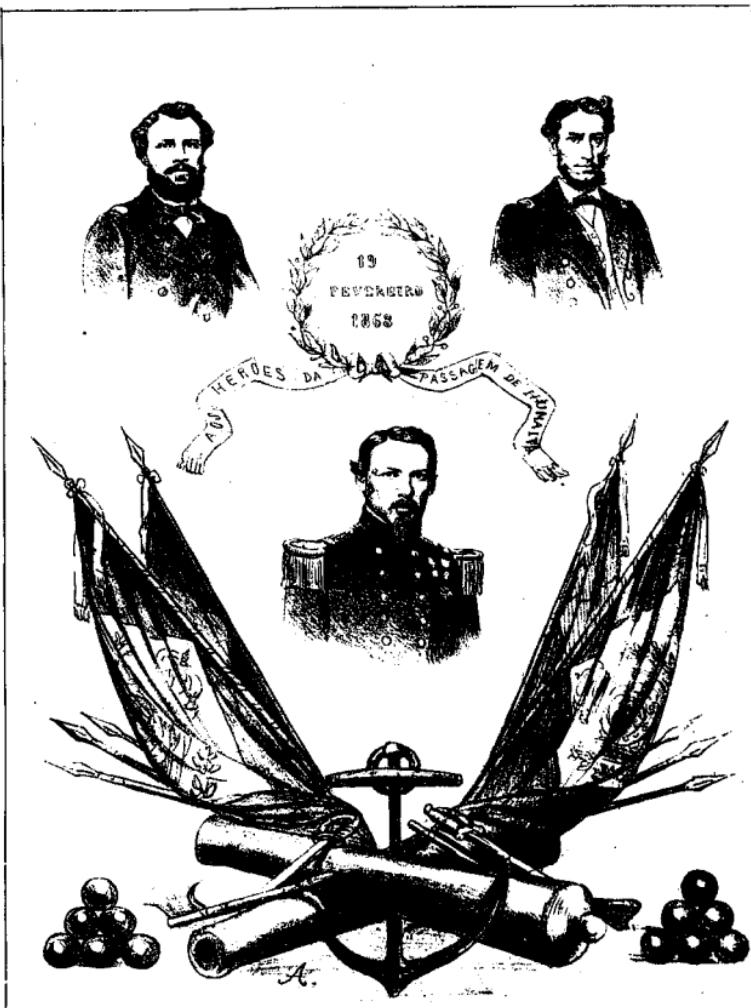
D. Gaspar, aproveitando-se da indecisão dos dous,  
prosseguiu:

— Peço apenas o sacrifício de um dia. Quero beber  
ao feliz aviso da vossa viagem, e desejá que um cavaleiro,  
meu amigo, tão valente quanto piedoso, participe  
também da ventura que tive de encontrar-vos.

Receitando offrender D. Gaspar, resolviu Armando  
passar mais uma noite na estalagem. O espanhol des-  
faz-se em agradecimentos. Carquefou não cabendo em  
si de contente segredava a Domingos:

— Câble-me. Quando a Providéncia põe no caminho  
da vida uma boa coia, acouguehala de vinhos genero-  
sos, e se é impiá não acita-la.

*(Continua na pagina 110)*



CAPITÃO TENENTE ARTHUR SILVEIRA DA MOTTA,  
Commandante do encouraçado *Barrozo*.

CAPITÃO TENENTE JOAQUIM ANTONIO CORDOVIL MAURITY.  
Commandante do monitor *Alagoas*.

CHEFE DE DIVISÃO DELPHIM CARLOS DE CARVALHO,  
Barão da Passagem.

## A VIDA FLUMINENSE

Rio de Janeiro, 7 de Março de 1868.

Damos na primeira pagina ilustrada do presente numero os retratos de tres dos heróes da passagem de Humayá.

O capitão de mar e guerra Delphim Carlos de Carvalho dirijo a expedição.

O primeiro tenente Maurity, comandante do monitor *Alagoas*, superou os mil reveses com que a adversidade tentou acarburá-lo, e cada um dos quais basteria para desaninar um bravo marinheiro.

O capitão tenente Silveira da Motta, comandante do encorajado *Barroso*, foi o primeiro oficial da armada nacional que transpôs as afamadas correntes de Humayá.

O Sr. Delphim Carlos de Carvalho foi promovido a chefe de divisão, nomeado Barão da Passagem e obteve uma pensão anual de 1:2002 réis.

O Sr. Maurity, além de igual pensão, foi promovido a capitão-tenente e egraciado com o hábito do Crucero.

O Sr. Silveira da Motta ainda nada obteve, mas estamos intimamente convictos que o Governo Imperial não deixará passar muitos dias sem recompensar dignamente o relevante serviço prestado por tão digno oficial.

\* \*

## Festas! Festas!

O coração se expandirá de alegria.

A cidade transforma-se num encantado jardim. Por toda a parte tremulam e canto de bandeiras, resplandecendo milhares de luzes!

Musica alegres, bairrás frondeiros, ruídos foguetes, retumbantes salvas de artillaria atravessam os ares!

Nas ruas e praças o povo em pinda ia, vinha, cruzava-se em todos os sentidos, acotovelando-se compacto e inovelido como a superfície do mar.

E durante os tres dias em que o coração da cidade pôsceu arcar sob o peso de tanto gente, nem houve desordem, nem o mais leve distúrbio marcou o brilho da festa.

Em todos os semblantes só reinava o contentamento. Ricos e pobres, titulares e plebuns, todas as classes confraternizavam, confundindo-se, reduzindo-se a uma

classe: eram todos brasileiros, e como tais entoavam hymnos em louvor dos bravos que com inexplorável arrojo e perícia transpuseram o terrível canal de Humayá.

Folgamos de ver que a maxima parte dos estrangeiros residentes na capital do Imperio participarão do nosso jubilo, e de todo coração lhes agradecemos as inquietas provas de sympathy com que nos mimosearam durante os tres dias de festa nacional.

Alemães, franceses, ingleses, italianos, espanhóis, alegrão-se com a nossa alegria, confundindo-se uns com os brados com as aclamações que fizemos. A todos protestamos eterna gratidão, principalmente aos portugueses, que não só illuminaram e embaldeiraram suas casas, como percorrerão a cidade com bandas de música, dando frenéticos — vivas! — à armada nacional.

Um ou outro estrangeiro, bem poucos, afeto ás sensações do *Ba-ta-clan* encontrou na nossa alegria o campo vasto para a maledicência.

Ouvimos uns dólhos dizer:

— Tanto barulho por tão pouco! Que farão então os turistas Malakof?

Que faríamos, não sei; mas o que posso assegurar é que nenhum brasileiro seria capaz de proceder assim estando em paiz estrangeiro, porque todos nós sabemos respeitar a hospitalidade que nos dão.

Está aberta uma subscrição, cujo producto é destinado á confecção dos retratos dos Excellentíssimos Srs. Marquez de Caxias, Visconde de Inhauma, e Barão da Passagem, e do Capitão-Tenente Cordovil Maurity.

Os retratos serão feitos a óleo, do tamanho natural, e collocados n'uma das salas da Praça do Commercio.

Outra subscrição se acha igualmente aberta para oferecer-se uma espécie de huma á intrípido comandante do monitor *Alagoas*.

Respeitamos, louvamos mesmo as intenções dos patronos de ambos as idéias. Nada mais justo do que dar um testemunho nacional de apreço aos heróes da dia 19 de Fevereiro.

O governo já fez o que pôde; a nação corre agora o dever de galardar tão relevante serviço.

Mas hastear os retratos, collocados na Praça do Commercio? Sórdio esse quatro os únicos brasileiros que bem merecerão da pátria? Não há ainda outros que com não menos bizarria se expuserão ao mesmo perigo?

Vamos ! Fazemos as coisas em termos !

A historia do Brasil já conta muitos incidentes dignos de serem transmittidos aos nossos posteros. E no entanto não temos só não uma d'essas paginas de bronze em que os outros povos costumão escrever os nomes dos seus heróis !

Fazemos como as outras nações costumão fazer.

Elevemos uma pequena columna do granito e bronze, ou de bronze só, e inscrevamos n'ella a data da victoria e os nomes dos que mais se distinguirão.

Tudo o mais será tacanho, não estará em relação com a grandeza do feito.

A passagem de Humayá deva ter feito calafrios aos entusiastas architectos de Martim Garcia!

O corpo de urbanos tambem andou na terça feira pelas ruas dando burradas.

Nada mais natural. Todos os filhos d'oslo abençoado torrão igual direito de palentarem seu contentamento. Mas.... ahí vai uma pergunta innocentíssima :

Quem policiou n'essa noite a cidade ?

\* \* \*

Ha dias em que penso. Ontem foi um d'elles.

Depois de pensar muito descobri quo — todos os homens são iguas perante a lei.... da morte. —

Pego alvívaras pela descoberta.

\* \* \*

A *Tribuna* de Buenos-Aires diz em um dos seus ultimos numeros que nos *vultenos* soldados argentinos se devo a victoria alcançada na manhã de 19 de Fevereiro pelo exercito aliado.

Já ouviram disse a mesma *Tribuna*, fallando do combate de Riachuelo e dos passagens de Mercedes e Cuevas, que se não fosse a esquadra argentina, si de nós !

A tal esquadra compõe-se de um unico vaporsinho muito manhosso, o *Guarda Nacional*, do genero d'esses que atravessam diariamente nossa baía, carregados de capoeiras da gallinhas que a genio de S. Gonçalo e Villa Nova vem vender na côte.

Quando liu a *Tribuna* não posso deixar de rir-me, como se estivesse assistindo a uma seua comédia do Vasques. Mas errei lamentavelmente que o seu redactor, quando a escreve, ainda se ri mais do que eu.

\* \* \*

Em Monteviúlio andou os *blancos* de canto chorado,

sem saberem onde se hão de refugiar para escaparem d'justa vendetta dos colorados.

Não há recato, por muito ermo que seja, quo lhes pareça seguro valhacuto. Da todos desconfião, principalmente de seus proprios correligionarios.

Enfim, elles são *blancos*, lá se entendem !

#### PUBLICAÇÕES MUSICAIS

Na loja do musicas de Sidow & C. foram impressas duas elegantes composições do Sr. Venâncio José Gomes da Costa Júnior, intituladas :

*Ao luar* — canção,  
*Lagrimas de Saudades* — valsa.

Em casa dos Srs. Meiroilles & C. imprimirão-se quatro bellissimas produções do maestro *Besanzoni*:

*Barcarola* para canto  
*Non vire chi non ama*, canção,  
*L'amore*, romance.

*Tarantella*, para piano e violino.

Um mimoso romance do Sr. Demetrio Rivero, intitulado :

*Oh, dites moi !*

Uma modinha do Sr. Francisco de Magalhães Carrazzo :

*Anjo do Céo....*

Um hymno marcial á passagem de Humayá, musica do Sr. José Lohato, poesia do Exm. Sr. Dr. Pedro Luiz.

#### THEATROLOGIA.

Cabho o ministerio !

Não oxulta a oposição : foi o da rua da Ajuda.

Una serie não interrompida de contrariedades, a que o Sr. Labrunie não pôde resistir, atirou por terra com a empreza da opera comicá.

Era digno do melhor sorth o emprezario ?

Variai as opiniões a tal respeito. Se querem ouvir a minha direcção aos leitores com a mais ingenua franqueza que, se os *Monqueiros* não correspondão ás exigencias do publico, seguirão-se-lho depois espetaculos, que merecerão melhor apreciação.

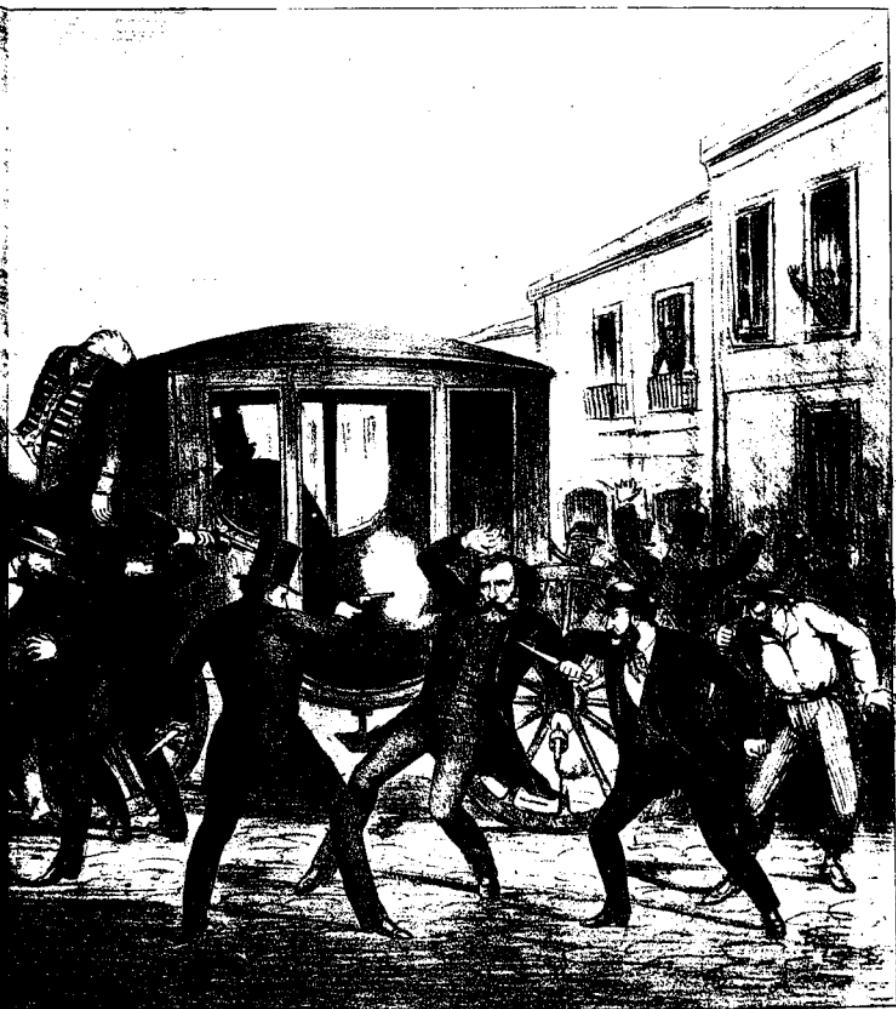
Mas a chuva voou arrefecer durante noites consecutivas a boa vontade dos *habitués*, e a má impressão da estreia, reunida no meio do molhar os pés, obrigou os frequentadores a mudarem de rumo.



**ASSASSINATO DO GENERAL D. VENÂNCIO**

no dia 19 de Fevereiro

(Copiado fielmente de um desenho feito u-



**VENANCIO FLORES, nas ruas de Montevideo**  
pereiro proximo passado.

Do em Montevideo pelo correspondente da — Vida Fluminense.

Ora, sem espectadores não se faz dinheiro n'um teatro!

E claro.

Compráro as dificuldades.

Os coristas revoltáro- se: o ponto faliu alto, contra todos os preceitos da arte drameica: Millo. Belarix teve um ataque de nervos, Millo. Lucie pulou devéras, apesar de não saber o que é um ENTR'CHAT, e até o pacífico Mr. Paris tornou-se rubicundo como tomate maduro.

Lovendáro-se queixumes dolorosos, e de fazer arripiar os carneiros!

Intervoo então a polícia, que animada do nobre intento de pôr termo às coisas, mandou postar duas sentinelas armadas á porta... do hotel do Lisboa.

O hotel nada tinha com os apuros do Sr. Lebrunio e portanto não havia razão para esbulhar os pensionistas, (que mediante noventa mil réis mensais havião adquirido o direito incontestável do almoçar, jantar e ceiar), das regalias concedidas a todos os estomagos. Mas que querem? Os permanentes, entendão o contrario.... e tinham ordem de não deixar passagem livre a quem quer que fosse.

Seguirão-se reclamações, notas diplomáticas e não sei que mais; resultando de todo esse apparato bellico a retíada das duas sentinelas e enorme brecha nos oportos montaços do hotel, assaltado em regra pelos pensionistas, que a polícia reduzia á fome durante vinte e quatro horas!

Emfim.... era cousa muito para ser vista e admirada!

Rei morto : rei posto, diz o risco ; e assim aconteceu.

Ào passo que Lebrunio sahia por uma porta, entrava pela outra o novo emprezario ao som das reclamações dos artistas escripturados e das maldições d'aqueles, que não lhe havião merecido a graça.... de um contrato.

O novo director, pela longa pratica que tem do Alcazar, conhece o gosto do publico, o fino como é, tonciona empregar todos os meios a seu alcance para regenerar o theatro, de que tomou conta.

Todo o joio, que havia na companhia de canto, foi cuidadosamente separado, e dizem-nos que o mesmo acontecerá com os dançarinos.

Os spectaculos apresentados ultimamente têm egrado, o que já não é pouco nessa época de exigencias gigantescas. Completa a companhia com mais dous ho-

mens, que tenhão voz e conhecção a scena, indo correrá ás mil maravilhas.

Não fallarei aqui do *Toreador*. É nova para mim a *partitura*, e o leitor já sabe que não gosto de guiar-me pelas impressões da primeira representação.

Do que fallarei nesse caso?

Dos *Mosqueteiros* ainda? dirá o leitor.

Porque não? Pois o leitor não acha, que, se a par de *Mme. Dauran* (que cantou divinamente a aria do 1º acto na quinta-feira passada) a companhia tivesse um *tenor* e um *baixo* que merecesssem tal classificação, teria aquela opera tido um exito colossal entre nós?

No Alenar debutou Millo. Floro Rozai que justificou plenamente a reputação, que a precedera. É uma artista de porte distinto que me parece destinada a despistar o mais veementemente entusiasmo logo que seja melhor comprehendida pelo nosso publico.

### Um passeio ao Jardim

PELO

Dr. MOÇO BONITO

(Continuação)

VII

A estalajadoura estava impaciente a mais não poder. Essa mulher magra e alta e que nada deva á beleza, desesperava-se com a demora dos hóspedes e olhava desconfiada para o relógio.

Erão duas horas e nada do aparecer a illustre companhia, que ainda trocava as pernas pelas avenidas do Jardim.

Desconhecendo os habitos do velho, que exigira que o jantar fosse feito a torninação sua, graminava e ralhava a pobre dona do hotel com Nôô, que nem por isso era culpada.

— Lá se avenha! gritava a moça, como para esfriar o entusiasmo da mãe. E o certo é que om parte conseguiu esse *desideratum*.

Quando estavão no meio da mais impertinente conversa, entrão Arthur e Roberto.

— «Cerveja Bass e copos!» gritárolos os heróis, ao transportar a porta da sala de jantar, d'essa sala ond'vai desenrolar-se uma serie de episódios, que o leitor apreciará em breve.

Não foi preciso segundo intimação. A dona do hotel da *Italia*, verdadeira *Thebuna* que era, serviu em um

apice aos dous rapazes, que sequiosos esperavão satisfeitos

— « Aos olhos da Nêné ! » exclamou Arthur empilhando um copo.

— « À sua boquinha mimosa ! » salta Roberto todo assanhado.

A moça deu um mochicho.

— « O senhor não pode dizer isso ! Veja bem Sr. Roberto... olhe que eu conto a D. Guilhermina ! »

— « Bravo ! não querem vir ? ! grita Arthur.

— « E deu uma estrondosa gargalhada. »

Batem palmas.

— « Quem é ? »

— « O Fausto. »

— « Oh ! que firma ! » exclamou Arthur.

— « Que zebra ! » Atalhou Roberto.

E lá foi a estalajadeira receber-o.

— « Conhece esse *quidam* ? » perguntou Arthur a Nêné.

— « Não. E' a segunda vez que o vejo, mas consente-me que é falso e presumido como ninguém. »

— « E idiota. »

— « Clá !!! » exclamou ingênuamente a moça.

— « Não sabes ? Diz que de todas as variedades da mulher, da que mais gosta, é da mulher magra ! »

— « Que horror ! »

— « Porque é menos difícil de querer, diz elle ? »

— « Deixa-lo ! Vou propor um brinde às moças gordas ! »

— « Olha ! ! Veja bem que eu tando tenho de gordas... »

— « Está bom, d'x Arthur, mas é cheia... »

— « De carnes ! » interrompeu Roberto.

E todos bêbaram.

O tal Fausto não chegou a entrar ; montou a cavalo e lá foi caminhar da cidade.

A *Madama*, como chiamavão os rapazes, não quis dizer a quo tinha vindo o sujeito ou não sahie mesmo. Foi mistério ! nem o leitor perde nada com isso !

Enquanto se representava essa scena no hotel, a família Ambrosio transpunha a porta do jardim.

O velho estava enfado ; altercava com a mulher e a filha e a instâncias daquella, resolveu esperar no que darião as coisas e recebeu ao mesmo tempo perdoar um bom partido ! A menina lambia-se de satisfação e já parecia ver preconizado, que não passava nem por sombras pela cabeça do pai !

Cuidadas ! Essas meninas sahão às vezes coisas...

— « O que foi que papai te disse ? » perguntou Guihermina.

— « Não é da tua conta ! » exclama Josephina.

— « Ali ! estás com paroxi ! Espera ! »

E não deu mais palavra.

Que sem sôr foi essa volta à casa !

Vinhão todos casmurros, só os meninos pulavaõ e atiravão pedradas em quanto pobre burro encontravão a passar na estrada. Janjão, trazia os calças em tiras ; o joelho espiava por formidável buraco e quando o vento levantava-lhe o ligeiro palotol do alpaca, visse-se flutuar uma ponta de fraldão de camisa, que recebia logo de Brigida a intuição do recolher-se aos bastidores ! Essa desgraça provoco de forte diabura feita pelo rapaz, que ensaiava-se em pular no rôgo d'água e tanto pulo deu, que foi cair em chão. Murchou-só todo, esfaíçado a roupa e estendeu de cócoras no matto, uma boa hora e em troços primitivos, enquanto secava-lhe o fato ! Mandou causaõs-lhe frenzeis, pregava-lhe peças e divertia-se em tocar-lhe de longe com um comprido canhão.

Que supplicio para o rapaz !

E lá estive a secar ao sol, como lagartixa no muro ! Eufim ! entrou no hotel a *sacra* família !

A Nêné e os rapazes, estavão na sala de visitas e aquela deixava correr distraidamente os dedos, sobre as alavancas tecidas de um piano de *Pleyel*.

Quando entrou, Arthur disse em voz baixa a Roberto :

— « Vamos apreciar o efeito da minha carta. »

— « Deus queria... »

E não teve tempo de concluir. A Nêné exclamou :

— « Sr. Arthur, vou tocar a polka da sua proleição. »

— « Ora... ajudas estas senhoras quizesse dançar... »

— « E porque não ? Pois as senhoras não dançarão com estes cavaleiros ? ! dausão, sim ! »

E com todo o desembaraço bateu palmas e em tom de quem ordena :

— « Tirem parcs, meus Srs !

Roberto não se fez repetir o convite ; como tólo queria investir (é o termo) para Gullhermina e deu-lhe o braço.

Arthur avançou timidamente para Josephina, que murmurou por isso :

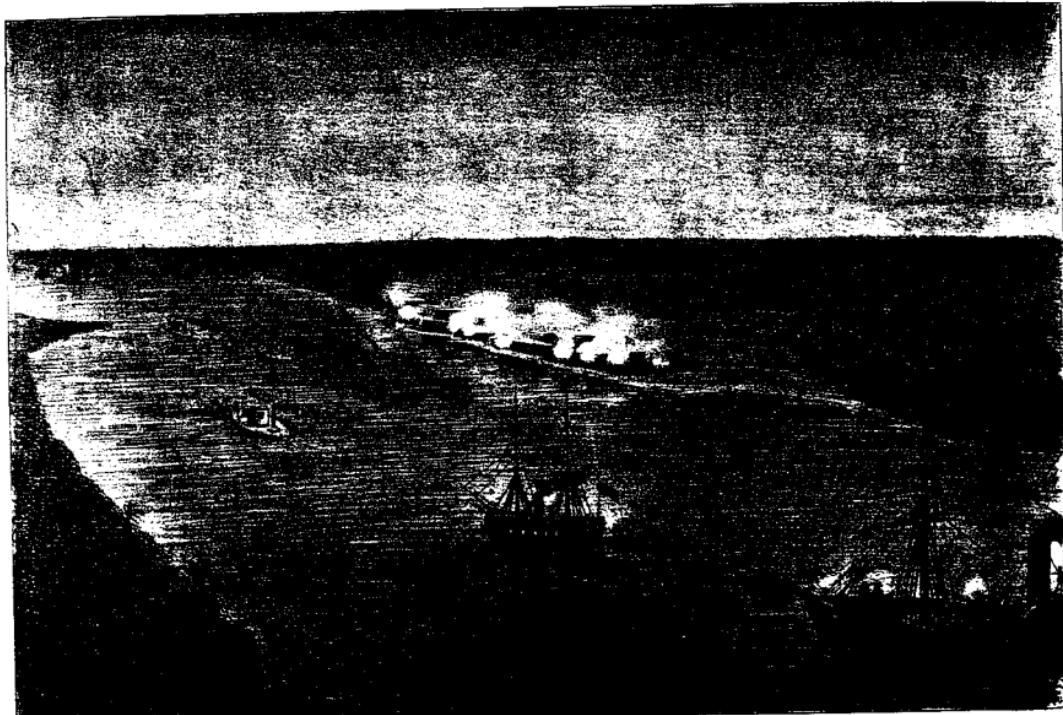
Ambrosio, felizmente conversava sobre o jantar com *Madama*.

A volta... era natural da bona genio !

A Nêné começou a tocar primorosamente a « *Moreninha*. »

E dois minutos depois, torvelinhavaõ na sala esses dous parcs faguetos, essas entidades felizes !

(Continua.)



## Passagem do Curupaiti

effectuada, na noite de 13 de Fevereiro proximo passado, pelos monitores Pará, Alagoas e Rio Grande, á ordens do Chefe da Divisão, Barão da Passagem.

Na hora aprazada, D. Gaspar entrou na sala, acompanhado pelo piedoso amigo, de que lhe pouco faltara, e apresentando-o, disse :

— O Sr. Matheus Orscoopp, que aqui vêdes, é valente como um Machabeu, sem deixar porrisso de ser tão virtuoso como um santo anachoreta.

Matheus Orscoopp tinha rosto grande, descarnado e macilento, braços compridos, pernas compridas, mãos, pescoço e tronco compridos; ollar baixo, nariz aduncio, labios finos e descorados. Estava trajado de preto e trazia à cintura uma espada e um punhal com cabos de ferro.

Durante a ceia, Matheus não preferiu uma palavra; comeu como um colosso, bebeu como um Titão.

D. Gaspar, pelo contrario, mal encostava os labios no dourado licor da Champagne e das margens do Rhenio. Todo elle era corzezia, e só erguia a voz para dar alguma ordem a Peters, que tremia, como treine o cordeiro diante do lobo.

Carquefou ia no entanto empalmando as aves, lebreis e garrafas de vinho que podia, e murmurando ao ouvido de Domingos: « é farto para a viagem. »

Domingos admirava a voracidade de Matheus, e não comprehendia como tantos comedentes podiam caber no estomago de um mortal.

Numerosos criados iam e vinham sobrecregando sempre a mesa com novas iguarias.

Depois de breve silêncio, o caravelheiro bespanhol pergunto em tono de indiferença ao seu amigo :

— A propósito, Matheus Orscoopp, não me disseste ba poucos que os cavallos destes senhores estavão muito doentes?

— Doentes! exclamou Armando.

Matheus respondeu gravemente :

— Muito doentes. Hoje pela manhã, depois da missa, entrei na estrebaria para ver se tinha bastante ração, e foi com magua que os euei, estendidos no chão, Polbres enimbas!

Reinaldo correu á estrebaria e verificou que os cavallos estavão morrendo. Matheus, que o acompanhára, disse :

— A Providencia manda-nos ás vezes provações destas; tenha paciencia; deuas, a estalagem não é tua.

Um tal incidente contristou os viajantes; já não era possível partir no dia seguinte.

Carquefou, que tinha salido da sala momentos antes seu ser presentido, voltou nas pontas dos pés, fechou cautelosamente a porta, olhou em torno de si e por um dedo nos labios, impundo silêncio. Estava pálido. Domingos acompanhava-o de perto. Parecia ambos consternados.

— Que aconteceu? perguntou Chaufontaines.

— Aconteceu que devemos formos-nos ao fresco

quanto antes. O tal D. Gaspar não é senão um segundo volume do celebre capitão Jacobus.

— Hein? disse Reinaldo.

« Sr. marquez, falemos baixo. Esta estalagem está incada de trantantes! Ligeiros indícios puzerão-me de afeição : o tal D. Gaspar não herbia e incitava nos a esvaziar os copos; por isso, fuzgueirei-me dizendo aos meus botões: aqui ha causa! Num pateo interior, onde nebulos de nós tinha ainda entrado, encontrei dois patifes, regalando-se entorno de uma excelente mesa. Que caras! Domingos foi conigo; elle que diga como erão as taes caras! »

Domingos fez um gesto de horror; Conquesou proseguiu:

« Domingos que é muito medroso deitou a fugir; eu, porém, que ainda sou mais poltrão do que elle, nem pude pôr-me ao fresco; fiquei lívido e immovel. O cheve dos doze bradou-me: « Aproxima-te! Bebe! » Eu, que não gosto de desfeitar ninguem, herbi. Perguntarão depois se eu em não era da convicção que vinha de França. Respondi com um aceno de cabeça affirmativo. Disserão-me os doze então em côro: « Pois não acompanhámos D. Gaspar d'Albace, capilão sem igual nas emboscadas, a não ser seu ajudante de ordens, o digno Matheus Orscoopp. » Ouvindo estas palavras fiquei sem pioga de sangue; folizamente como leão caro de tolo, julgarão-me mais estupido do que realmente sou e questionarão-me a valer. Minhas respostas contentarão-os tanto, que acabarão por me considerar para mi alistar nas suas fileiras e encarcerármoo desde logo de substituir vossas uspadas por laminas de folhas de flandres, o que prometti fazer. »

— Como? Pois prometes-te?

« Oh, señor marquez! Todos sabem que não sou herói! Os doze amigos tem oito ou dez companheiros que rondam pelos arredores, e tiverão a amabilidade de comunicar-me que o capitão Gaspar propulsão so offerecer sua mão a uma frantezinha recente-chegada á estalagem da *Cruz de Malta*. O casamento será feito seu sacerdote, e o Sr. Matheus servirá de testimunha.

Armando empalideceu e conchegou-se a Armando. Carquefou continuou.

« Portanto, a cavallo! e a galope! Somos apenas quatro, contando Domingos, e elles sao vinte, sem contar os que não vi. »

— Nossos cavallos estão quasi mortos! disse Reinaldo.

« Ah, mariola! São artes de Matheus; vio-o esta manhã entrar na estrebaria; á tarde vio-o de novo! Querem ver que deu algum veneno aos pobres bichinhos! bradou Carquefou.

Reinaldo e Armando fitarão-se hoquinhertos.

— E ou que queria confessar-me a Matheus Orscoopp, julgando que era um ermitão disfarçado! disse Reinal-

do dando um murro na mesa. Pois bem! armas em punho, camaradas! ataquei os bandidos, apoderemo-nos dos seus cavalos, e abramos um caminho à força diante de nós.

— Sr. marquez, eu desmairaria com toda a certeza antes de chegar ao fim da escada! disse Carquefou.

Neste momento soou às oito horas. Carquefou pôs-se a andar muito apressadamente na sala de um para outro lado, exclamando:

— O terror escaldava-me a cabeça; consintia que aprofaria este vislumbre de entusiasmo, o que me nomeava a mim mesmo capitão interno; quando for o caso de brigar, pedirei minha denúncia. Lá estão os doze malandros regalando-se com excelente vinho; corro à casa de um armeiro meu conhecido, compro duas espadas e as apresento aos bandidos, dizendo que já as substitui pelas folhas de flandres. Naturalmente convidei-me para beber. Tenho aqui na algibeira um pacotinho de pés narcóticos; atiro-os dentro dos sangrões de vinho, ondo os taes patuços estanham a sede. Esvaisados os sangrões, esgueiro-me na estrebaria, onde descansam os bucephalus de D. Gaspar e do piedoso padre Matheus.

— Tens a chave? perguntou Reinaldo.

— Não; mas consigo Peters! E quanto basta.

— Peters? perguntou Adriana.

— Ou me engano muito, ou Peters deve odiar D. Gaspar, que tanto o maltrata, acrescentou Carquefou. E portanto um auxílio com que podemos contar. Peters levar-me-á um dia à presença dos ginetes do fidalgo hansenhol; que lindos animais. Ha um homem que os guarda dia e noite; se for altanudo introduzir-lhe-hei na guela um argumento de aço, que o obrigará a ser discreto.

— Bravo! exclamou Reinaldo.

— Muito bem! Porém vêz... que faremos? perguntou Armando.

— Esperem! Enquanto ando por lá, convidei o capitão e seu acolyte para mastigarem alguns saborosos petiscos. A Sra. Souvigny faria as honras da recepção tocando e cantando alguns pedaços escolhidos. Neste interím eu andarei lá por fóra, e quando minha tarefa estiver acabada, virrei dar o signal debaixo desta janela, um assobio, por exemplo. Procurem argumentos eloquentes, meus senhores, para convencê-los de que não se devem oppôr à nossa partida.

— Minha eloquência é esta! disse Reinaldo batendo nos copos da espada.

— Agora, emprestem-me Domingos, disse Carquefou.

— Hold, Domingos! bradou Armando. Estás à disposição do Carquefou. Segue-o!

— Camarads! Talvez te quebram algum ossinho! ponderou Carquefou.

— Somos todos mortaos! respondeu respondeu resolutamente Domingos.

— Então, a caminho! disse Carquefou, e ambos saíram precipitadamente.

Momentos depois um criado de Reinaldo introduziu na sala D. Gaspar e Matheus Aulscop.

— Que aceso proporciona-nos tão agradável surpresa? perguntou D. Gaspar entrando.

— O desejo de passar alguns instantes, mais com gentilhomens tais como vós, respondeu Armando.

D. Gaspar sorriu maliciosamente.

Matheus disse com hipocrisia:

— Eu estava rezando. Deos me perdoará de ter preferido a interrompido a oração para acceder à tão lisonjeiro convite.

(Continua.)

## A VIDA FLUMINENSE

Os proprietários deste semanário publicam anúncios ilustrados, pelos preços seguintes:

Mais páginas com desenhos a lapis ou a pena 300000

Páginas inteiras 500000

A pessoa que encomendar um anúncio ilustrado de 1/2 página terá direito, além da publicação no corpo d'este jornal, a receber em avulso com exemplares do mesmo anúncio sobre papel branco.

A que encomendar um anúncio da página inteira receberá 150 exemplares do mesmo anúncio sobre papel branco e de cores, e terá igualmente direito a publicação do «apresentado» anúncio.

Anúncios escritos—120 e linha.